



ENTRE IMPRESSÕES E OPINIÕES: APONTAMENTOS SOBRE MACHADO CRONISTA  
E A IMPRENSA PERIÓDICA NO BRASIL

Elisabeth Batista<sup>1</sup>

**Resumo:** Machado dedicou-se com intensidade à imprensa periódica carioca, dando conta de uma sensível proximidade estilística entre jornalismo e literatura. A perspectiva machadiana para a imprensa se abre com um produtivo campo de reconhecimento da força social da literatura e das expressões artísticas, políticas e culturais. No horizonte dessa perspectiva, a produção de Machado pode sinalizar alguns conteúdos orientadores da época e suas relações com a política nacional e internacional oferecendo alternativas de interpretação das impressões políticas que perspassam a história e o modelo homogeneizante da economia imposta pelo império. O discurso da imprensa, concebido como decorrente do imaginário social, oscila conforme os critérios e as convicções do momento de enunciação. Nos textos de Machado para imprensa carioca pretende-se investigar algumas confluências importantes, de ordem discursiva ao longo da história e da política no Brasil, particularmente a segunda metade do século XIX, período em que se estratificaram as sociedades imaginadas e a conseqüente construção da imagem do outro. Trata-se também de refletir o quanto o vínculo entre o discurso veiculado nesse espaço de difusão de saberes atrela-se à dinâmica do capital ou, de outra forma, em que medida a produção criativa de Machado para a imprensa apenas reencena indefinidamente, de forma crítica ou não, a ordem econômica.

**Palavras-Chave:** Machado de Assis, Imprensa, Linguagem literária, Crônica.

**Abstract:** Machado dedicated yourself with intensity to the carioca periodic press, giving a significant stylistic closeness between journalism and literature. The machadian prospect to the press opens with a productive field of recognition of the social strength of literature and artistic expressions, political and cultural. In the horizon of this perspective, the production of Machado may signal some guiding contents of his decade and his relations with the national and international policy offering alternatives of interpretation of policy impressions that pass the history and the homogenizing model of the economy imposed by the empire. The speech of the press, conceived as arising from the social imaginary, varies according to the criteria

<sup>1</sup> UNEMAT/PPGEL - Doutora pela USP, atua na área de Literatura no Departamento de Letras do Campus Universitário de Cáceres e no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – Campus de Tangará da Serra. Coordenadora do CEPLIT- Centro de Pesquisas em Literatura da UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso.

and the convictions at the time of enumeration. In the Machado's texts to the carioca press seeks to investigate some important confluences, of discursive order throughout history and politics in Brazil, particularly the second half of the XIX century, period in which they stratified the imagined societies and the consequent construction of the image of the other. It is also important to reflect how the relationship between talk in this space of dissemination of knowledge leads to the dynamics of capital or, in other way, to what extent the creative production of Machado to the press only react indefinitely, so critical or not, the economic order.

**Keywords:** Machado de Assis, Press, Language Literary, Chronicle.

A presença de Machado de Assis na imprensa periódica de seu tempo pressupõe que nos voltemos para a caracterização da sua produção criativa para os jornais, a fim de descrever as particularidades que se inscrevem na sua atividade jornalística. A imprensa periódica tem demonstrado a relevância crescente que a crônica jornalística assumiu como gênero autônomo presente em suas publicações no século XIX.

Há muitos modos de ver como os acontecimentos do século XIX no Brasil permitem visualizar e apreender a riqueza das manifestações culturais que marcaram essa época. No referido século, por exemplo, a Literatura e o jornalismo encetaram uma estreita relação tendo em conta que todos os grandes escritores colaboraram na imprensa periódica. Naquela época, o jornal destacou-se como um dos principais veículos de comunicação nos centros urbanos.

A imprensa apareceu em terras brasileiras em 1808, no período colonial. O Brasil não tinha universidade e no país a impressão das letras era proibida por Portugal. As tentativas de funcionamento de tipografias eram barradas pelas autoridades portuguesas (Lustosa, 2000: 65). Os livros eram escassos e a maioria da população, iletrada. Portanto, os intelectuais que começaram a escrever nos jornais cumpriam uma função também educativa. Eles estavam cientes desse papel. Machado de Assis, na crônica de 15/08/1876 (1957c: 106- 108), constata que setenta por cento da população brasileira não sabia ler, de acordo com o recenseamento do Império e comenta:

Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. (...) 70% de cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por que nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, - por divertimento. A Constituição é para eles uma coisa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado (1957c: 107).

Grande parte da população, portanto, analfabeta, estava inteiramente à mercê dos acontecimentos, principalmente, dos políticos. Ao publicar o jornal **Constitucional**, por exemplo, José Joaquim da Rocha, importante personagem político, define seu objetivo como o de “educar as pessoas, preparando-as para o processo constitucional e procurando igualmente suprir-lhes as deficiências culturais e educacionais” (Lustosa, 2000: 31). Assim,

o jornal era visto como meio fundamental para a transformação da sociedade da época. A palavra mídia não era utilizada, então, naquele tempo, como a conhecemos na atualidade. Mídia refere-se ao “conjunto dos meios de comunicação existentes em uma área, ou disponíveis para uma determinada estratégia de comunicação” (BARBOSA: RABAÇA, 2001: 490).

Desta forma, a prática discursiva que mediatiza os conteúdos e em certa medida, a expressão de vida social, através das crônicas ou de outros textos jornalísticos, poder-se-ia criticá-la diariamente, visto tratar-se de um espaço de liberdade em que o cronista podia, de forma aberta e avulsa, tratar das mais diversas temáticas relativas à sociedade.

As reflexões teóricas deste trabalho têm em conta que a Literatura Comparada explora “as relações não apenas entre textos e autores ou culturas, mas se ocupa também de questões oriundas do confronto entre o literário e o não-literário, entre o fragmento e a totalidade, entre o similar e o diferente, entre o próprio e o alheio”. Em outros termos, nossa tarefa nesse campo teórico é a das travessias, das subversões de fronteiras entre línguas, culturas e áreas do saber, pretendendo ver mais longe, olhar além. Nos textos de Machado para imprensa carioca pretende-se investigar algumas confluências importantes, de ordem discursiva ao longo da história e da política no Brasil, particularmente a segunda metade do século XIX, período em que se estratificaram as sociedades imaginadas e a conseqüente construção da imagem do outro.

A Literatura Comparada, na medida em que se aproxima do que Morin (2001) denomina “ciência com consciência”, ao pretender dar conta das “articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento” revela-se como um campo muito eficaz para tal intento, pois aqui, trata-se também de refletir o quanto o vínculo entre o discurso veiculado nesse espaço de difusão de saberes atrela-se à dinâmica do capital ou, de outra forma, em que medida a produção criativa de Machado para a imprensa apenas reencena indefinidamente, de forma crítica ou não, a ordem econômica.

Uma primeira demarcação para entender as circunstâncias que proporcionaram o surgimento da Imprensa no mundo leva-nos a situar o fato no contexto do desenvolvimento histórico e econômico do mercantilismo, a partir das trocas de mercadorias e informações nas cidades originárias do capitalismo – os burgos. Importante ressaltar que estas práticas comerciais, antes incipientes, tiveram forte impulso com o surgimento dos Correios e da Imprensa, esta última concebendo a notícia como uma mercadoria que atraiu primeiramente quem se dedicava ao comércio e ao transporte marítimo.

Os primeiros “jornais” interessavam somente a quem comercializava, traziam informações sobre preços de mercadorias, abastecimento, polos de produção, etc. A imprensa surge, antes de mais, como uma necessidade de suporte ao capitalismo e, como se verifica, não deixou de sê-lo até hoje.

De origem latina a palavra jornal significa: **diurnale**, que a priori significava o mesmo que ‘diário’, jorna, a remuneração por um dia de trabalho. E do italiano, a palavra **giornale** nos remete a idéia de periódico, de um escrito para relatar os fatos do dia a dia (FERREIRA, 1986: 991).

Nosso interesse em investigar aspectos relacionados à contribuição de autores notáveis para os jornais e ao gênero periodístico no século XIX justifica-se tendo em conta que significativa parte da produção criativa de Machado de Assis, laborada na imprensa

carioca, constitui-se exemplar positivo da relação íntima entre a literatura e o jornalismo.

É, portanto, sob o olhar e a memória da crônica jornalística do escritor que importa procurar os conteúdos orientadores sobre os quais se deu o encontro do olhar estético na captação da vida social e da “alma de um povo”.

Os primeiros tempos de imprensa no Brasil, portanto, são carregados de opinião e posicionamentos dos jornalistas. Machado de Assis ciente do papel de formador cultural se sobressai como cronista na segunda metade do século XIX. Foi no Jornal periódico **Marmota Fluminense**, em 6 de janeiro de 1855, que veio a publicar o poema “A palmeira”. Texto nada excepcional, era apenas a estreia literária de Joaquim Maria Machado de Assis.

Em 21 janeiro de 1855, com 16 anos de idade, publicou o poema, **Ela**, no referido periódico. O jornal em que se publicou o poema era editado numa livraria que havia se transformado em ponto de encontro dos escritores da época. Foi lá que Machado de Assis ganhou protetores como Paulo Brito o proprietário da livraria, Manuel Antônio de Almeida, já conhecido romancista, e um padre que ensinava latim ao ainda adolescente escritor. Logo Machado de Assis já era membro da redação da Marmota Fluminense. Outros jornais passaram a publicar seus trabalhos: **Correio Mercantil**, **Diário do Rio de Janeiro**, **Semana Ilustrada** e **Jornal das Famílias**.

Os meios literários da Corte tornavam-se, pouco a pouco, território familiar para ele. E ele tornava-se cada vez mais conhecido nesse campo de atuação. Em seus textos para a imprensa, Machado de Assis escreveu sobre a vida social fluminense, as óperas, corridas, patinação, pleito eleitoral e muitas outras coisas, surpreendendo por um estilo sutilmente irônico, que logo ia tornar-se marca registrada do conjunto de sua obra.

Machado de Assis, ao estrear nos jornais era quase desconhecido pelo público leitor. Tornou-se pouco a pouco lido e apreciado pela sua obra ficcional, revelou-se progressivamente por meio dos seus textos para os jornais, com destaque para as crônicas, onde traça um quadro de toda uma realidade de uma época conturbada e em contínua evolução. O autor reconhece, quatro anos mais tarde, a força desse meio de comunicação para letrados, quando afirma no **Correio Mercantil** (10-12/01/1959), ser este a “verdadeira forma de república do pensamento, a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, literatura comum, democrática, que leva em si a frescura das ideias e o fogo das convicções”.

Machado transmitiu o seu testemunho de vida pública brasileira, nomeadamente do Rio de Janeiro, nas suas diferentes vertentes: a cultura, a política, a ideologia, a literatura e a vida social, manifestando uma versatilidade em saber falar de tudo observando continuamente o que o rodeava na demanda de algo peculiar e que, de algum modo, merecesse ser analisado e comentado.

Um exemplo desse olhar agudo sobre o seu tempo pode ser observado nas crônicas de **Balas de Estalo** publicadas em julho de 1883, isto é, durante os momentos do período de declínio do império no Brasil. Baseando-se no seu conhecimento do espaço que analisa e na sua leitura da sociedade, o cronista foca discursivamente diversos assuntos, mas mostra maior interesse pelos bastidores da política e pelos atos manifestos dos Deputados na investidura dos seus cargos como assinala o trecho da referida crônica.

O SR. DEPUTADO Penido censurou a Câmara por lhe ter rejeitado duas emendas: — uma que mandava fazer desconto aos deputados que não comparecessem às sessões; outra que reduzia a importância do subsídio.

Respeito as cãs do distinto mineiro, mas permita-me que lhe diga: a censura recai sobre S. Ex.<sup>o</sup> não só uma, como duas censuras. A primeira emenda é descabida. S. Ex.<sup>o</sup> naturalmente ouviu dizer que aos deputados franceses são descontados os dias em que não comparecem; e, precipitadamente, pelo vezo de tudo copiarmos do estrangeiro, quis logo introduzir no regimento da nossa Câmara esta cláusula exótica. Não advertiu S. Ex.<sup>o</sup>, que esse desconto é lógico e possível num país, onde os jantares para cinco pessoas contam cinco croquetes, cinco figos e cinco fatias de queijo. A França com todas as suas magnificências, é um país sórdido. A economia ali é mais do que sentimento ou um costume, mais que um vício, é uma espécie de pé torto, que as crianças trazem do útero de suas mães. [2 julho 1883]

Ao trazer para a pauta do dia um tema contundente de ordem político-econômica, o trecho acima oferece uma interpretação das manifestações no cenário político do Brasil daquela época num tipo de jornalismo irônico que satiriza e exhibe explicitamente uma crítica e um julgamento. Numa abordagem leve, o autor revela que conhece muito bem o lugar social de onde escreve, transmite a realidade em conexão com a ironia e as afirmações contundentes, e principalmente, pinta suas crônicas com certa cor local, vinculando a imagem dos deputados no Brasil ao espírito de lassidão e oportunismo em contraposição à austeridade em países de notória prosperidade econômica, como a França, onde os deputados têm o seu salário descontado mediante ausência às sessões plenárias.

É relevante observar o fato de que o autor nunca viajou à Europa, contudo, a sua crônica enceta uma relação comparativa com países de referência na época. Assim, além de concorrer para a formatação de uma imagem dos Deputados em exercício naquela altura, os conteúdos orientadores dos textos de Machado para os jornais, sem pretensão de ir para o futuro, até mesmo porque o veículo em que eram publicados era descartável, destacaram, ainda, um dos traços mais perceptíveis da formação de uma massa crítica com explícita preocupação local.

Ao apresentar tema brasileiro de seu tempo e de sua cidade, o autor destaca o que é do Brasil, reflete sobre os dilemas e equívocos históricos, os problemas, os costumes, as preocupações, os ideais, os atos dos políticos e a maiúscula dificuldade do povo que os mantém, ao mesmo tempo em que imprime, em sua obra, como forma de permanência futura, a cor local e as suas impressões, explora, para a disseminação de sua literatura naquele momento, a mídia da época: o jornal.

Assim, numa leitura atenta, é possível depreender que, a abordagem do assunto em forma de crônica jornalística, naquele veículo efêmero, pereniza-se mais tarde em

episódios similares, com seres ficcionais, na cena literária dos seus romances, como por exemplo, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). A temática como vimos, acenta-se em fatos socialmente verificáveis ainda hoje e, frequentemente retomados à pauta do dia: A elucidação da resistência apresentada pelo segmento dos representantes políticos ante a “eventual” propositura de emenda constitucional, por seus pares, de redução de sua base remuneratória, ou mesmo ao desconto em folha de pagamento pela ausência nas sessões.

A crônica machadiana ainda hoje conserva a atualidade, a matéria discursiva veiculada a 02 de julho de 1883, ao nosso olhar, postula tripla dimensão na ordem discursiva, configurando-se como confluências importantes, ao longo da história e da política no Brasil, particularmente a segunda metade do século XIX. Primeira: Ao incorporar meios técnicos da produção literária, satirizando o episódio e ficcionalizando o fato, o gênero ajudou a retrabalhar a linguagem jornalística, aproximando-o mais da oralidade, do uso linguístico do cotidiano, enfim, do português falado no Brasil; Segunda: a crônica, escrita no final do séc. XIX, recoloca a seus leitores a relação entre ficção e história, especialmente porque expressam um tempo social, um momento sócio-político de uma época de drásticas transformações e uma terceira dimensão que é a de que a produção criativa de Machado para os jornais contribuiu para a construção do significado dos acontecimentos a partir do efeito visado e o efeito produzido pela reconhecida competência comunicativa do autor.

Muitos outros assuntos sobre o espaço social, os eventos e acontecimentos sociais foram registrados frequentemente nas crônicas machadianas. Podemos citar também o destaque que mereceu, por parte do autor, a nova enfermaria de dosimetria adotada na Sociedade Portuguesa de Beneficência, e os modos de definição de um tratamento, se seria por alopatia ou homeopatia (1957d: 181-184);

SABE-SE que a Sociedade Portuguesa de Beneficência acaba de abrir uma enfermaria à medicina dosimétrica. (...) Se a dosimetria quer dizer que os remédios dados em doses exatas e puras curam melhor ou mais radicalmente, ou mais depressa, é, na verdade, grande cruza privar os restantes enfermos de tão excelso benefício. (...) Note-se bem que eu não ignoro que os doentes, por estarem doentes, não perdem o direito à liberdade; mas, entendamo-nos: é a liberdade do voto, a liberdade de consciência, a liberdade de testar, a liberdade do ventre (teoria Lulu Sênior); por um sentimento de compaixão, a liberdade de descompor. Mas, no que toca aos medicamentos, não! Concedo que o doente possa escolher entre a alopatia e a homeopatia, porque são dois sistemas, — ou duas escolas, — a escola cadavérica (versão Maximiano) e a escola aquática. Mas não tratando a dosimetria senão da perfeita composição dos remédios, não há, para o doente, a liberdade de medicar-se mal. Ao contrário, este era o caso de aplicar o velho grito muçulmano: — crê ou morre.

Como vemos, neste gênero textual híbrido de fronteiras fluidas onde fato e ficção se mesclam, o autor, ao transitar também pelas matérias da área da saúde, expressa a sua opinião no confronto entre a medicina hipocrática, vibracional, holística e o modelo da medicina galênica ou alopática ou química. No trecho acima o autor coloca em relevo a

inauguração da enfermaria homeopática que o Hospital da Beneficência em São Paulo coloca à disposição daqueles que necessitam de cuidados médicos. A opção, contudo, não é a do paciente, ou seja, a forma de tratamento entre a alopatia e a homeopatia parece ocorrer seletivamente. A crítica, portanto, é endereçada à referida casa de saúde.

Presente nas práticas de recuperação do bem-estar físico, mental e emocional dos brasileiros há mais de 150 anos, a Homeopatia foi criada por Samuel Hahnemann há mais de dois séculos e inegavelmente é uma terapêutica popular de cura conhecida em todo o Brasil. Desde 1980 a Homeopatia passou a ser uma especialidade médica. O médico francês Bento Mure foi o introdutor da terapêutica no Brasil.

Homeopatia (do grego *homoios*, semelhante + *pathos*, doença) é um termo criado por Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843) que designa um método terapêutico cujo princípio está baseado na *similia similibus curantur* (“os semelhantes curam-se pelos semelhantes”). O tratamento homeopático consiste em fornecer a um paciente sintomático doses extremamente pequenas dos agentes que produzem os mesmos sintomas em pessoas saudáveis, quando expostas a quantidades maiores. Preparada em um processo chamado dinamização a homeopatia consiste na diluição e succussão da substância em uma série de passos. A título de ilustração, em Cuba, por exemplo, a dengue foi tratada e controlada com homeopatia em 2007, com resultado satisfatório.

Machado de Assis, assim como Monteiro Lobato evidenciou, ora em carta, ora em crônicas, ora em obras literárias (o caso mais notório é o de José Dias, em *Dom Casmurro*), a presença da homeopatia e refletiram sobre a sua eficácia no cotidiano dos brasileiros.

O trecho da crônica atesta a ligação do texto com a realidade cotidiana do Brasil, na qual a homeopatia tinha larga inserção institucional. Entretanto, o ponto a destacar é que o discurso da imprensa, concebido como decorrente do imaginário social, oscila conforme os critérios e as convicções do momento de enunciação.

Por mais relevância que tivesse qualquer assunto concreto, em Machado de Assis, como vimos, o fato publicado em si tinha menor importância, o que interessava era a reflexão que esse fato provocava, pois o escritor conseguia extrair reflexões profundas de fatos corriqueiros, tocando a essência daquilo que observava com um meio riso de contemplação. E quase sempre esse riso trazia, implícita ou explicitamente, uma advertência.

### Referências Bibliográficas:

CARVALHAL, Tania Franco. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003. p. 11.

FERREIRA, Marta da Piedade. **Machado de Assis – Crônicas a Mídia da Época: O Jornal**. Faculdade de Letras UFMG. 2004.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821 – 1823)**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

MACHADO DE ASSIS, J. A. Instinto de nacionalidade. In: **Crítica Literária**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.

---

\_\_\_\_\_. (1957a). **Chronicas** - 1º vol. (1859-1863) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

\_\_\_\_\_. (1957b). **Chronicas** - 2º vol. (1864-1867) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

\_\_\_\_\_. (1957c). **Chronicas** - 3º vol. (1871-1878) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

\_\_\_\_\_. (1957d). **Chronicas** - 4º vol. (1878-1888) São Paulo: W. M. Jackson Inc. Editores.

\_\_\_\_\_. (1839-1908) Crônicas da escravidão. In: **Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo [antologia]** Organização, ensaio e notas: Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas / Crisálida, 2007.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. pp. 176-177.

\_\_\_\_\_. **O método**. Tradução de Maria Gabriela Bragança. 2. ed., Lisboa: Europa-América, 1991, v. 1, p. 143.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

### **Webgrafia**

[www.lettras.ufmg.br/atelaetexto](http://www.lettras.ufmg.br/atelaetexto)